

Escola investiga campanha em aula

Edson Gês

A direção do Centro Educacional 2, do Guará, começa a apurar, a partir de hoje, denúncias feitas por pais de alunos dando conta de que uma professora usa jornais sindicais em sala de aula para fazer propaganda política de seus candidatos às eleições. Segundo informações passadas por estudantes do segundo grau, que preferiram não se identificar com medo de represália, a professora de História, Marilene Miranda, distribui botons e panfletos do PT durante a aula e sugere claramente aos alunos-eleitores quais são as melhores opções para eleições de outubro. "Ela faz discurso pró-PT em classe", acusa um dos estudantes.

De acordo com um dos pais que fizeram a denúncia ao JBr, a professora usa o jornalzinho do Sindicato dos Professores, Quadro Negro, como apoio didático para suas aulas de História. "Ela assinala o que considera negativo e faz observações tendenciosas para cabalar votos dos alunos", garante a mãe de um dos estudantes. Em um dos trechos grifados pela professora, o jornal sindical diz que "Valmir Campelo sempre esteve ligado ao Governo, principalmente àqueles nomeados pelo regime militar". Segundo outro aluno, Marilene Miranda nunca escondeu suas tendências políticas. "Ela diz que a melhor opção é o PT e que os outros partidos não são confiáveis. É muito radical", acusa.

Informar — A professora confirma nunca ter negado aos alunos qual é sua posição ideológica. "Minha função é informar a verdade".



Denise promete rigor na apuração de campanha na escola

Marilene desmente, contudo, que tenha distribuído botons para induzir os alunos a votar na esquerda. "Para que eles não continuem alizados a gente esclarece sobre o processo político, aponta os perfis", esclarece. Segundo conta, a maioria dos estudantes-eleitores — a metade dos 698 matriculados no segundo grau — demonstrava interesse em votar nulo. "Eles estão muito descontentes, desiludidos com os políticos. Orientamos os alunos a votarem conscientemente".

Quanto ao uso do jornal sindical, ela justifica que este material de apoio faz parte de um leque de

opções usadas para enriquecer a aula. "Mostrei também o debate dos candidatos ao Governo na TV Bandeirantes, revistas e outros jornais da cidade", acrescenta. A professora disse não ter culpa de o perfil do candidato governista trazer informações desabonadoras. "O Quadro Negro não mente. Apresenta o que ele fez no Congresso Nacional".

Marilene Miranda atribui as denúncias a alunos cujos pais trabalham para Valmir Campelo. Outro detalhe que, segundo ela influencia na atitude dos alunos, é o fato de as escolas públicas serem proibidas de realizar debates dentro das próprias

instituições. "Muitos alunos reclamam do fato das escolas particulares serem liberadas". Essa opinião é compartilhada pela diretora da escola, Denise Krukis. A seu ver, a orientação dada pela Fundação Educacional proibindo os debates criou muita frustração entre os alunos.

A diretora lembrou que a Fundação tomou a decisão depois de consulta à Justiça Eleitoral, que deixou a critério do órgão a liberação ou não dessas atividades. "Muitos alunos reclamam do fato de seus colegas de escola privada terem esta regalia". Denise Krukis lamenta o fato de pais dos alunos não terem previamente consultado o colégio sobre as denúncias. "É covardia levar as acusações primeiro para a imprensa". Ela promete rigor na apuração, mas deixa claro que "é impossível impedir os professores de apontarem suas tendências políticas", apesar de não concordar que eles usem qualquer forma de dissuasão com os estudantes.

Krukis esclarece que a orientação dada aos professores é de que, em razão da proibição dos debates, nas aulas de história procure-se dar uma explanação sobre desenvolvimento político do País. Denise lembra que, no ano passado, o colégio realizou vários debates sobre o plebiscito. "Os alunos vibraram, participavam ativamente. O ideal era podermos mostrar cada um dos candidatos de forma clara, imparcial e democrática, mas infelizmente fomos tolhidos".